

Escreventes e suas trajetórias
de vida: um estudo sobre a
vida dos letrados em Minas
(1710-1770)¹

Literate and their life
trajectories: a study on the
life of literate in Minas (1710-
1770)

Fabício Vinhas Manini Angelo²



Fabrcio Vinhas Manini Angelo
Escreventes e suas trajetrias de vida:
um estudo sobre a vida dos letrados
em Minas (1710-1770)

Resumo: O presente artigo objetiva empreender um estudo de trajetria dos homens que faziam testamentos na comarca do Rio da Velhas na Capitania de Minas do Ouro ao longo do sculo XVIII. As balizas temporais foram estabelecidas a partir da percepo que a dcada de 1710 inicia-se com um processo de formalizao das vilas da regio de minas e termina em 1720 quando a capitania se separa de So Paulo para constituir-se como uma capitania independente e o marco temporal final est relacionado com o fim do auge do ciclo aurfero como alguns autores apontaram e pelo estabelecimento de medidas mais efetivas em relao educao em todo o imprio devido s reformas pombalinas e a criao do subsdio literrio em 1772. Tendo isso em mente, o objetivo deste texto est investigar as trajetrias de vida enfocando as relaes familiares, as estratgias educativas destes escreventes para com seus descendentes e as prticas de sociabilidade. Para esta pesquisa, busca-se referncia nos trabalhos de Pierre Bourdieu quando enfatiza a necessidade por parte dos pesquisadores de investigar as trajetrias dos agentes pesquisados. No entanto, para isso, buscam-se tambm as contribuies da micro-histria que permitem justificar esse jogo de escalas. Em pesquisas anteriores realizadas a partir de testamentos produzidos ao longo do sculo XVIII em Minas, foi percebido que algumas figuras que escreviam as ltimas vontades dos testadores repetiam-se com alguma consistncia durante algum perodo e depois desapareciam. Esses escreventes ou escrivoes, pelo que est possvel identificar at agora, eram advogados, militares e clrigos que exerciam, entre outras atividades ligadas a escrita, a de escrever os testamentos para os habitantes das comarcas de Rio das Velhas. Em geral estas atividades estavam relacionadas com as letras e objetivavam o sustento destes agentes histricos. Para esta pesquisa buscou-se analisar a trajetria de alguns dos escreventes. A partir desta definio de objeto foi feito um cruzamento nominativo com outros documentos como inventrios *post-mortem* e testamentos



de parentes, amigos e companheiras destes escreventes, objetivando compreender e analisar a trajetria de vida destes letrados atuantes em Minas ao longo do sculo XVIII. **Palavras-chave:** letrados; escreventes; testamentos; sculo XVIII; Minas.

Abstract: This article aims to undertake a study of the trajectory of the men who made wills in the region of Rio das Velhas in the Captaincy of Minas do Ouro throughout the 18th century. The chronological milestones were established from the perception that the 1710s begins with a process of formalization of the villages in the region of Minas and ends in 1720 when the captaincy that separates from So Paulo to constitutes itself as the independent captaincy and as such with specific needs and characteristics and the final timeframe is related to the clear end of the peak of the gold cycle as some authors pointed out and to the establishment of more effective measures in relation to education throughout the empire due to the Pombaline reforms and the creation of the literary subsidy in 1772. Bearing this in mind, the objective of this text is to investigate life trajectories focusing on family relationships, the educational strategies of these writers towards their descendants and the practices of sociability based in write culture. For this research, the basic reference is the works of Pierre Bourdieu when he emphasizes the need on the part of researchers to investigate the trajectories of the historical agents. However, for this purpose, the contributions of micro-history that seek to justify this sort research. In previous researches based on testaments produced during the 18th century in Minas, it was noticed that some figures who wrote the wills repeated themselves with some consistency during some period and then disappeared. These scribes or literate, as far as it is possible to identify up to now, were lawyers, soldiers and clergy who, among other activities related to writing, carried out the writing of wills for the inhabitants of Rio das Velhas region. In general, these activities were related to writing and aimed at supporting these historical agents. For this research



we tried to analyze the trajectory of some of the writers. From this definition of object, a nominative cross was made with other documents such as post-mortem inventories and testaments of relatives, friends and companions of these writers, aiming to understand and analyze the life trajectory of these literate people working in Minas Gerais during the 18th century. **Keywords:** literate; wills; 18th century; Minas.

Fabrício Vinhas Manini Angelo
Escreventes e suas trajetórias de vida:
um estudo sobre a vida dos letrados
em Minas (1710-1770)



Introduo - uma proposta te6rica

O ponto de partida desta pesquisa 6 buscar uma vinculao entre a Sociologia da Educao e a Hist6ria da Educao, enquanto o aspecto fundamental neste trabalho 6 a ateno voltada para as trajetrias de vida dos escreventes de testamentos da comarca do Rio das Velhas em Minas no s6culo XVIII. Sendo assim, essa metodologia que tem muita tradiao na Sociologia da Educao vinculada a Pierre Bourdieu³, ainda tem grande potencial de crescimento na pesquisa em Hist6ria, principalmente quando enfoca fen6menos relacionados 6 Educao, 6 sociabilidade e 6 fam6lia. Para Minas setecentista, isso 6 especialmente verdadeiro, pois a documentao manuscrita cartorria enfocada neste trabalho est6 muito bem organizada e esta fonte traz muitas informaoes relacionadas 6 trajetria de vida enfocando aspectos formativos, familiares e pr6ticas de sociabilidade dos letrados atuantes na regio, portanto, urge a sua leitura e an6lise. Em parte, isso se deve a tradiao que aponta que a “longevidade educativa” est6 intimamente relacionada ao compartilhamento de um determinado capital cultural pela fam6lia na qual o educando est6 inserido. Ou seja, os trabalhos de Sociologia da Educao de matiz bourdieusiano apontaram uma relao estreita entre o n6vel sociocultural das fam6lias e a longevidade escolar. No entanto, os trabalhos da Hist6ria da Educao que tratam da Am6rica portuguesa parecem indicar outra posio. Nesse sentido, Fonseca diz, ao tratar do semin6rio de meninos:

[...] Embora o n6mero de requerimentos [para matr6cula no Semin6rio do V6nculo do Jaguar6] n6o seja elevado, sua diversidade sugere leitura que contrariam algumas afirmao6es mais tradicionais, de que os segmentos mais pobres da populao atribu6iam diminuto valor 6 educao escolar, que esses segmentos estariam quase sempre mergulhados na ilegitimidade ou que o ingresso de escravos e de seus filhos nas escolas estaria vedado a princ6pio. Al6m dos pobres, filhos leg6timos e naturais, brancos ou n6o, o semin6rio recebeu tamb6m expostos e filhos de escravos (FONSECA, 2008, p. 541).

Talvez parte dessa diferenca de interpretao esteja relacionada 6 pr6pria natureza da disciplina Sociologia. Afinal, esta estaria mais preocupada com aquilo que 6 mais comum ou mais generaliz6vel (Cf. CUNHA, 2007, p. 21-27) estando, portanto, pouco atenta 6s “causas do improv6vel”. Tamb6m pode



estar relacionado com o surgimento da Sociologia em uma era industrial e com a limitao da prpria cincia, pelos seus mtodos e conceitos, de compreender outros perodos como o sculo XVIII e outras sociedades pr-industriais marcado por outras formas de pensar (Cf. CUNHA, 2007, p. 33-43). Da a necessidade de compreender um pouco melhor aquela sociedade pr-industrial, ainda que utilizando o aparato conceitual da Sociologia da Educao. Independentemente dessas duas interpretaes divergentes sobre o significado da educao para as famlias da regio e perodo, este trabalho buscar suporte para a investigao documental e para o dilogo historiogrfico em alguns dos conceitos cunhados por Pierre Bourdieu e que foram aplicados realidade brasileira por outros autores⁴. Portanto, a partir do dilogo crtico, buscando compreender as potencialidades e os problemas da utilizao desse aporte terico-metodolgico para analisar melhor aquela sociedade, ser possvel aperfeioar o instrumental analtico e ao mesmo tempo lanar luz sobre outros aspectos daquela sociedade que no eram vistos como problemas por ela mesma. Aqui cabe citar Chartier (2002) e o que ele fala a respeito de utilizar Bourdieu:

[...] devemos ler Bourdieu e podemos comentar Bourdieu e explicar a dificuldade de seu estilo de conceitualizao. Mas o mais importante trabalhar com Bourdieu, quer dizer, utilizar-lo para temas que no pode abordar, para perodos que no foram historicamente os mais importantes para ele. Trabalhar com seus conceitos, mas ir alm, trabalhar com suas perspectivas, com a ideia de um pensamento relacional e a repulsa a projeo universal de categorias historicamente definidas (CHARTIER, 2002, p. 146).

Com isso busca-se aquilo que Peter Burke (2012, p. 10) propoe que "a mesma que o falecido Fernand Braudel costumava chamar de "histria total" - no uma anlise do passado que cuide de todos os pormenores, mas sim que ressalte as relaes entre campos distintos da empresa humana". Claro que, ainda segundo Burke (2012, p. 11), isto no significa a busca por teorias genricas que possam resolver problemas na Histria. Na verdade, os historiadores encontram muita coisa de interessante na Sociologia e em outras disciplinas: conceitos, modelo e mtodos empregados nessas disciplinas. Tambm a aplicao de todo este aparato ao estudo do passado, por meio de estudos de caso podem permitir comparaes e contrastes bastante produtivos com relao a sculos anteriores.



Na verdade, os profissionais da teoria social “utilizam conceitos e teorias com mais frequência, de forma mais explícita, mais séria e com mais orgulho do que os historiadores. Essa diferença de atitude perante a teoria é responsável pela maioria dos conflitos e desentendimentos entre os historiadores e os demais” (BURKE, 2012, p. 16). Para Burke (2012, p. 16), em vez de pensar as duas disciplinas como contraditórias é mais interessante pensar as duas abordagens como complementares.

O historiador inglês observa que:

Vivemos em uma era de linhas indefinidas e fronteiras intelectuais abertas, uma era instigante e, ao mesmo tempo, confusa. Podem-se encontrar referências a Mikahil Bakhtin, Pierre Bourdieu, Fernand Braudel, Nobert Elias, Michel Foucault e Clifford Geertz nos trabalhos de arqueólogos, geógrafos, críticos literários, assim como de sociólogos e historiadores. O surgimento do discurso compartilhado entre alguns historiadores e sociólogos, alguns arqueólogos e antropólogos, e assim por diante, coincide com um declínio do discurso comum no âmbito das Ciências Sociais e humanidades e, a bem da verdade, dentro de cada disciplina (BURKE, 2012, p.: 40)

Tendo tudo isso em mente e concluindo conforme Burke (2012, p. 278), aos historiadores é necessário algo de teoria social e aos teóricos sociais a História pode ser muito interessantes. Para Burke (2012, p. 278), empiristas (historiadores) e teóricos (teóricos sociais em geral) são dois extremos de um contínuo *dégradé* no qual ocorre frequentemente empréstimos entre as diversas disciplinas. Mais até do que esse exercício de aproximação, Burke (2012, p. 278) sugere que todas as disciplinas têm a ganhar umas com as outras, pois

os historiadores, como os etnógrafos, oferecem advertências sobre a complexidade e a variedade da experiência humana e das instituições que a teoria inevitavelmente simplifica. Como tentei argumentar mais acima, simplificar é a função deles, a contribuição deles à divisão do trabalho entre abordagens e disciplinas. O que essa variedade sugere, porém, é que a teoria não pode nunca ser simplesmente “aplicada” ao passado (BURKE, 2012, p. 278).

No entanto, apesar dos ganhos com este diálogo é necessário tomar cuidados:



O que a teoria social pode fazer, por outro lado, é sugerir novas perguntas para os historiadores formularem acerca de “sua” época, ou novas respostas a perguntas bem-conhecidas. Também as teorias vêm em variedade quase infinita, o que provoca problemas para os que pretendem usá-las. Primeiro, há o problema da escolha entre teorias rivais, em geral com base no encaixe mais ou menos perfeito entre a teoria geral e a questão específica que o historiador tem em mente. Há também o problema de se reconciliar a teoria e suas implicações com o aparato conceitual inteiro do que toma emprestado. Este ensaio pode talvez parecer a alguns de seus leitores mais filosóficos como uma apologia do ecletismo, acusação feita com frequência (às vezes com justiça) contra os historiadores que se apropriam de conceitos e teorias para uso em seu próprio trabalho. No que diz respeito a este ensaio, porém, nego a acusação, pelo menos se ecletismo for definido como uma tentativa de defender ao mesmo tempo proposições incoerentes. Se, por outro lado, o termo significa apenas encontrar ideias em diferentes lugares, então fico feliz em confessar-me um eclético. Pode-se dizer que é a marca do bom historiador, e do bom teórico também, estar aberto a novas ideias, vindas de onde vierem, e ser capaz de adaptá-las a nossos próprios propósitos e de encontrar maneira de testar sua validade (BURKE, 2012, p. 278-9).

De qualquer modo, tomando estes cuidados, o diálogo traz vantagens segundo Burke (2012, p. 279), pois a comparação de abordagens e conceitos permite ampliar a compreensão dos historiadores sobre seu período deixando-os com isso mais conscientes de suas alternativas, seus pressupostos e suas explicações mais tradicionais.

Tendo em vista esta proposta teórica talvez um primeiro problema a ser enfrentado seja a inexistência de um sistema educacional massivo, massificador e reprodutor a partir do qual Bourdieu desenvolveu a sua teoria; seria possível a utilização de Bourdieu para compreender as práticas educativas anteriores ao século XX? Não seria um anacronismo? Em qual sentido um sociólogo poderia auxiliar a História a compreender o século XVIII mineiro? E em que sentido Bourdieu poderia ajudar na análise das trajetórias de vidas dos escreventes em Sabará do período? E em que sentido a utilização de seu aporte conceitual para períodos não pensados pelo sociólogo pode melhor dimensionar sua teoria? O que é conceito e como ele pode ajudar a pensar um tempo bem anterior ao presente no qual ele foi construído? Por fim, cabe indagar se a comparação por



si s3 no teria um forte poder anal3tico?⁵

Cabe ressaltar em princ3pio que a met3fora sobre os herdeiros cunhada por Bourdieu e Passeron em seu livro *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura* (1964)[2014] 3 bastante significativa para a presente pesquisa, pois busca compreender a trajetria de vida dos letrados atuantes na regi3o ao longo do s3culo XVIII e suas experi3ncias como herdeiros/descendentes de suas fam3lias que implementaram pr3ticas educativas e as a33es educativas para as futuras gera33es em suas fam3lias. Quando se fala de trajetria em algum momento deve-se analisar o papel das fam3lias na educa33o de seus ascendentes e descendentes. Portanto, a an3lise da documenta33o cartor3ria manuscrita dispon3vel traria muitas respostas sobre as tem3ticas de pesquisa aqui proposta. Al3m disso, para Bourdieu o di3logo entre Hist3ria e Sociologia 3 fundamental para compreender os fen3menos que o presente trabalho analisa. Ou nas palavras de Bourdieu citado por Catani (2011, p. 320-321): “toda sociologia deve ser hist3rica e toda hist3ria sociol3gica”, posi33o tamb3m defendida por Cunha (2007). Com isso, na verdade, compreende-se que as duas disciplinas podem ganhar muito nesse di3logo. Al3m disso, atrav3s da teoria dos *capitais* (*cultural, social, econ3mico*) constru3da por Bourdieu, 3 poss3vel compreender os bens, materiais e simb3licos, que as fam3lias do per3odo legavam a seus descendentes ou que seus herdeiros conquistaram e que teriam forte papel na trajetria social e na busca por distin33o social destes agentes hist3ricos na regi3o aqui pesquisada. Tamb3m 3 importante frisar que apropria33o conceitual n3o 3 interessante somente para a Hist3ria.

A partir desse quadro, considera-se que 3 poss3vel utilizar-se da abordagem de Bourdieu para compreender a Hist3ria da Educa33o em Minas do s3culo XVIII.⁶ No entanto, para isso, 3 necess3rio tra3ar um di3logo cr3tico com o aporte te3rico-metodol3gico bourdieusiano. Sendo assim, conceitos como o de *habitus* ou de *capital cultural, capital social* e *capital econ3mico*, bem como a *reconvers3o* de cada um desses capitais em outros capitais podem muito bem auxiliar a compreens3o do ato de legar algo a algu3m, em especial quando se trata de algo simb3lico relacionado 3 educa33o ou 3 cultura dita leg3tima. No entanto, conceitos como o de *campo*, n3o parecem ser t3o 3teis para pensar o s3culo XVIII e um per3odo pr3-industrial que ainda era marcado pela confus3o entre esfera p3blica e privada, bem como n3o estava claro o surgimento de *campos* em que ocorreram as disputas analisadas posteriormente, j3 no s3culo XIX, por Pierre Bourdieu. Claro que para pensar tudo isso exige que seja compreendido o que 3 fam3lia para o per3odo⁷, como ela funciona em rela33o 3s gera33es seguintes



e, em especial, nas temáticas relacionadas à educaçāo. Sendo necessrio ter em mente a especificidade daquela sociedade que estava se formando em um contexto de forte migraçāo e mltiplas mestiçagens. Tambm é interessante ter em mente que aquela era uma sociedade fortemente hierarquizada e que normatizava as diferenciaçōes sociais. Sabendo disso, talvez fosse interessante perceber que mais importante que *capital econmico* ou *cultural* o *capital social* ou *simbólico* era mais importante que os outros dois. Igualmente percebe-se a importāncia das prticas de sociabilidade para a busca da *distinçāo social* naquele *espaço social*. Sendo assim, conceitos do sociólogo francs como *distinçāo social* e *espaço social*⁸ podem ser muito úteis para compreender aquela realidade.

Em pesquisas anteriores⁹ realizadas a partir de testamentos produzidos ao longo do sculo XVIII em Minas foi percebido que algumas figuras que escreviam as últimas vontades dos testadores repetiam-se com alguma consistência durante algum perodo e depois desapareciam. Estes escreventes ou escritvães, pelo que é possvel identificar até agora, eram advogados, militares e clérigos que exerciam, entre outras atividades ligadas à escrita, a funçāo de escrever os testamentos para os habitantes das comarcas de Rio das Velhas. Em geral, estas atividades estavam relacionadas com as letras e objetivavam o sustento destes agentes histricos. Para esta pesquisa propōem-se analisar as trajetrias de vida de alguns dos escreventes mais solicitados para a escrita de testamentos na regiāo e perodo em tela, para compreender a organizaçāo familiar, a trajetria formativa, os círculos de sociabilidade deste grupo. A partir desta definicāo será feito um cruzamento nominativo no intuito de compreender a trajetria destes letrados muito atuantes em Minas ao longo do sculo XVIII.

Os estudos de casos parecem ter uma grande tradiçāo na Sociologia, na Sociologia de Educaçāo, na Histria e na Histria da Educaçāo¹⁰, em que pese a diversidade de métodos e das consequências em que cada uma destas metodologias implica e dos debates teóricos sobre cada uma delas. Segundo Paulo Guérios (2011), a histria de vida inicialmente era uma metodologia de pesquisa muito em voga entre a década de 1920 e de 1940 por meio da influēncia da Escola de Chicago. A partir deste perodo esta metodologia caiu em desuso até que a partir dos anos de 1970 alguns sociólogos e alguns historiadores buscaram “reavivar esta metodologia” a partir de questōes de seu tempo. Quando isso é observado, na verdade nāo se está falando da metodologia em especfico, mas do reavivamento da preocupaçāo com o indivduo.

No campo da Sociologia e da Sociologia da Educaçāo, em 1986, Pierre Bourdieu passa a criticar a metodologia de Histria de vida que ele nomeia de



uma ilusão biográfica e aponta a necessidade de se compreender a trajetória de vida destes agentes históricos, muito mais que apenas ouvi-lo e não perceber a idiossincrasia própria da existência individual. Esta crítica fica clara na passagem clássica de seu texto a Ilusão Biográfica;

a análise crítica [destes] processos sociais (...) conduz à construção da noção de trajetória como série de posições ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço ele mesmo em devir e submetido a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e suficiente em si mesma de eventos sucessivos sem outra ligação que a associação a um “sujeito” cuja constância é apenas aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (BOURDIEU, 1996a, p. 71).

A partir dos anos de 1980, as posições teóricas se polarizaram entre aqueles que dão crédito preponderante aos discursos narrativos dos agentes históricos e aqueles que buscam identificar os elementos estruturais que influenciaram essa trajetória. Claro que a partir dos anos de 1990 surgiram posições que buscaram uma terceira via evitando a polarização. Sendo assim é relevante a posição de Passeron citado por Guérios (2011), parceiro de longa data de Pierre Bourdieu:

a superação, atualmente observável em numerosas pesquisas, das formas mais mecânicas ou mais abstratas de um naturalismo determinista constitui indiscutivelmente um avanço teórico; mas com a condição que se faça melhor do que aquilo que se quer superar, ou seja, que se some [o estudo dos] constrangimentos à interpretação (PASSERON, 1990, p. 4 apud GUÉRIOS, 2011, p. 13).

Segundo Paulo Renato Guérios (2011), esta polarização mascara um debate antiquíssimo nas Ciências Sociais que é a relação entre indivíduos e sociedade, entre a parte e o todo, entre o objetivo e o subjetivo. Que, de alguma forma, impacta nos critérios de cientificidade das Ciências Sociais. Afinal por ser ciência ela estaria mais preocupada com o generalizável, mas, ao mesmo tempo, o que é subjetivo é muito pouco generalizável. Tendo isso em mente, o que se pretende aqui é ir além desta polarização e buscar compreender como os

Fabrizio Vinhas Manini Angelo
Escreventes e suas trajetórias de vida:
um estudo sobre a vida dos letrados
em Minas (1710-1770)



indivduos podiam fazer escolhas em sociedades sempre normatizas. Portanto, compreendendo o que propdem Paulo Renato Guérios (2011) fica evidente outro caminho a seguir:

[...] se colocarmos como nosso objetivo noa busca de uma maior cientificidade, mas sim a recolocao das questoes de pesquisa em outros termos, possibilitando um tratamento dos dados de campo que noo sofra com as limitacoes impostas por uma construo dilematica das questoes, percebemos que, justamente por colocar-se a cavaleira em relao a dualidade individuo-sociedade, o metodo de historias de vida pode oferecer, se levado a cabo com consistencia, um bom locus de trabalho em prol desta tarefa. Ao tomar por foco de estudo a trajetria de uma pessoa nos ambientes sociais de que participa, ao oferecer a oportunidade de questionar como cada sujeito vive ligado a redes de interdependencia (Elias 1994) que se estendem alem de seu pertencimento social imediato, estes estudos deparam-se frontalmente com a questao da relao entre o individual e o social, entre o pequeno e o grande, entre a parte e o todo. E foi nesta area de trabalho que algumas indicacoes de caminhos para a superacao deste dilema surgiram, em algumas monografias e textos teoricos de que trataremos a seguir (GUERIOS, 2011, p. 13).

Portanto, buscando o caminho do meio para superar a polarizacao individuo-sociedade que na presente pesquisa, que trata de trajetrias individuais, mas sem abrir mo dos mais generalizavel para a sociedade. Busca-se quantificar tendencias mais amplas, mas ao mesmo tempo entender o sentido e significado para toda aquela sociedade de trajetrias tao particulares. Para isso apresenta-se aqui o resultado do que vem sendo realizado nos ultimos anos de pesquisa.

Em trabalhos anteriores¹¹ foi constatado que, grosso modo, os testadores do seculo XVIII mineiro tinham um "alto nivel de alfabetizacao"¹². Encontramos cerca de 63% dos testadores tinham condicoes de assinar seus proprios testamentos. Com isso, noo se esta dizendo que esse era o nivel de "alfabetizacao" daquela sociedade como um todo, mas sim que o grupo dos testadores tinha bom dominio do codigo escrito. Portanto, uma primeira questao que fica e porque mesmo com esse "alto indice de alfabetizacao" entre os testadores a proporcao dos que fizeram seu proprio testamento era muito pequena? A pesquisa parece apontar que a redacao das ultimas vontades devia ser uma funcao especializada, mais comumente realizada por licenciados, religiosos e



militares e alguns destes sendo muito solicitados.

Tendo em vista que ao longo das pesquisas chegamos a trabalhar com 473 testamentos que foram feitos por 334 escreventes a mdia de 1,42 testamento. Isto , a mdia simples cai muito rapidamente. O que parece indicar que esta atividade no poderia ser considerada como um ofcio com um retorno financeiro fcil. Portanto, como o documento normalmente , feito na vspera do bbito e por no ser um fato muito facilmente previsvel, na falta destes escreventes mais experientes, aquele que estivesse disponvel era designado para tal funo. Veremos na seo seguinte que provavelmente aqueles que eram muito solicitados o eram no somente por sua competncia e sim porque eram apadrinhados de pessoas muito importantes na vila ou porque estavam vinculados a pessoas que estavam em postos em que era possvel ter a acesso ao moribundo em seus ltimos instantes na terra, ou estavam vinculados religiosos que estariam fazendo a extrema-unao, e por isso poderia ir elaborar as ltimas vontades do testador. A partir da prxima seo passaremos a anlise de algumas trajetrias de vida dos escreventes de testamentos atuantes na comarca do Rio das Velhas ao longo do sculo XVIII.

Algumas trajetrias encontradas

A partir do cruzamento nominativo entre testamentos e inventrios foi possvel mapear as relaes estabelecidas entre os sujeitos histricos do perodo, tendo em vista a distino por meio do aprendizado da leitura ou da escrita e a ocupao de postos de destaque no aparato estatal do perodo. Como ainda no foi possvel encontrar muitos documentos sobre os escreventes mais solicitados da comarca de Sabar , farei uma anlise do que foi possvel encontrar nos arquivos a respeito dos escreventes pesquisados. Neste trabalho sero apresentadas as origens dos escreventes, os crculos e prticas de sociabilidades, os vnculos polticos e prticas de trs escreventes que redigiram testamentos na comarca do Rio das Velhas ao longo do sculo XVIII. Para isso apresentaremos as trajetrias de Bento Pereira de Faria Marinho, Padre Francisco Ferreira Mendes e o licenciado Domingos Maciel Aranha.

Bento Pereira de Faria Marinho foi um dos escreventes mais ativos na vila de Sabar ao longo da primeira metade do sculo XVIII. Como uma primeira apresentao dessa metodologia, cabe aqui a explorao do testamento de Bento Pereira de Faria Marinho. Entre os 473 testamentos pesquisados para regio, ele aparece 14 vezes como o responsvel pela redao de testamentos



ao longo do sculo XVIII. Isto parece indicar sua percia e destaque em redigir esses documentos. Em 1747, Bento Pereira estava doente e acabou por falecer, deixando um testamento que ele mesmo redigiu. Nesse curto testamento de apenas duas pginas Bento Pereira no deixou muito clara sua trajetria de vida ou formativa. No entanto, possvel identificar vrias informaes sobre sua vida que tem implicaes para a pesquisa aqui projetada. Certamente haver a possibilidade de melhor pesquisar a trajetria desse sujeito com o desenvolvimento de outras investigaes sobre Sabar.

A partir da leitura de seu testamento foi possvel saber que Bento Faria¹³ era natural da “Freguesia de So Pedro de Barreiros Couto de Rendife Comarca de Vianna Arcebispado de Braga”. Isto , natural da provncia do Minho, norte de Portugal. Ele era filho legtimo de “Gabriel Pereira de Faria, e de Dona Anna Maria da Silva Faria”. Estes moradores em sua prpria quinta de “Agnolongo”, na qual havia a Capela de Nossa Senhora das Angustias onde foi efetivamente batizado nosso testador. O que parece indicar que essa capela era colada a Freguesia de So Pedro de Barreiros Couto de Rendife. importante informar que para o perodo segundo Raphael Bluteau¹⁴, quinta significava em Portugal: uma propriedade rural, propriedade rstica ou casa de campo, normalmente com casa de habitao. Ela pode ser cercada ou no de rvores, com terra de semeadura ou cultura. O sinnimo de quinta no Brasil pode ser fazenda. Portanto, trata-se de uma famlia de proprietrios de terra do norte de Portugal. Tendo em vista o perfil dos personagens aqui pesquisados, os escreventes de testamentos na vila de Sabar, desnecessrio dizer que so pessoas bem “alfabetizadas” e que lidavam cotidianamente com a escrita, o que evidente quando Bento Faria informa que “fiz este [seu testamento] por minha letra e sinal hoje Vila Real do Sabar”. Ou ainda quando informa que,

meus bens, e dvidas constam do meu Livro numerado e rubricado por mim, com a rubrica que diz Marinho como assentei-me no princpio, e outro fim ambos escritos e assinados por minha prpria mo, e pelos seus assentos se governaro e meus testamenteiros aos quais quero se d inteiro crdito como se aqui fossem escritos em verbos do testamento, que hei por expressas e declarados neste para se lhe dar inteiro cumprimento (APMCMS-190 150-151-Bento Pereira de Faria Marinho 27/11/1747).

O que possvel aventar com estas passagens que demonstram o domnio do



código escrito por parte de Bento Faria que sua família de origem camponesa no norte de Portugal percebeu a possibilidade de obter distinção social por meio do ensino de primeiras letras, e até de algumas cadeiras daquilo que era considerado à época o ensino secundário como forma de garantir melhores posições para as gerações seguintes. A descoberta do ouro em Minas, no fim do século XVII, abriu espaços significativos para a obtenção da distinção social inserindo-se no aparato estatal criado para administrar, fiscalizar e controlar essa região. Porém, aprender ler e escrever e um pouco mais que isso, parece não ter sido o suficiente para garantir essas posições de destaque. Neste sentido, é interessante buscar entender outras estratégias empregadas por Bento Faria na busca por sua distinção social.

O testador¹⁵ nomeou como seus testamenteiros “Reverendo Doutor Lourenço Joze de Queiros Coimbra, André Moreira de Carvalho, Domingos Coelho da Silva e Antonio Alves Coelho meus Senhores, todos moradores nessa Vila e sua Comarca”. Isto parece indicar que Bento Faria estava em uma posição subalterna à dos seus testamenteiros, afinal estes são “seus senhores”. Sua posição social ou “socioprofissional” fica mais evidente quando informa que na falta de Reverendo Doutor Lourenço Joze de Queiros Coimbra “que me deu nobre cargo servir, queiram ser meus testamenteiros”. Isto é, a conquista do cargo como escrivão ou escrevente e a possibilidade de fazer testamentos por Bento Faria parece estar relacionada com a ótima relação que o testador tinha com o Reverendo Doutor Lourenço José. Essa posição de dependência, de subordinação, de troca de favores fica clara quando o testador nomeia Lourenço José como seu universal herdeiro.

em atenção a sua ilustre qualidade, e em mostras de agradecido ao muito bem que me tem feito, espero me faça pela minha alma dignas de se aceitar, e também nada mostra da grande vontade que tenho de não ser ingrato a seus favores de quem fez cumprir certas disposições que em carta fechada lhe declaro, que ele somente verá, e não outra alguma pessoa por matéria que quero fique em segredo, e para cumprimentos tirará de todos os meus bens antes de dívidas o que julgar necessário para satisfação de que ordeno que somente como sim o declarar com Certidão da quantia que tirou para as minhas disposições particulares dela se não faça menção para partilhas de meus bens (APMCMS-190 150-151 Bento Pereira de Faria Marinho 27/11/1747).

Claro que isto só é possível pois Bento Faria¹⁶ informa em seu testamento



ser solteiro e no ter “herdeiros forados ascendentes nem descendentes”. Portanto, o testador nesse caso, poderia fazer o que bem entendesse com seus bens. A partir do trecho reproduzido anteriormente,  possível ver que a relaao de dependência e de troca de favores  uma via de mão dupla. Nesse sentido, no existiam somente os benefícios que Bento Faria oferece a Lourenço José na intenco de “no ser ingrato”. Este também fez uma série de favores para Bento Faria como fica evidente nas passagens em que Bento Faria menciona os favores que Lourenço José fez cumprir por carta fechada e, que, por isso, deveria ficar em segredo.

Para compreender melhor essa situaao,  necessário investigar as diversas posioes ocupadas pelo “Reverendo Doutor Lourenço Joze de Queiros Coimbra”¹⁷ no *espaço social* do termo da vila de Sabará. Em que pese a impossibilidade até o momento de encontrar o testamento de Lourenço José, a partir de pesquisas anteriores nos testamentos da vila de Sabará,  possível encontrar referências diversas aos cargos ocupados, às aoes estabelecidas, aos sentidos dados às aoes e às relaoes estabelecidas com Lourenço José de Queiros Coimbra. Ao longo do período estudado, foram encontradas muitíssimas referências sobre esse sujeito histórico nos testamentos registrado no termo da vila de Sabará. A partir dos dados encontrados sabe-se que esteve atuante em Minas pelos menos entre 1723 até 1777¹⁸. Sabe-se pelo sermão do cônego Luis Viera da Silva, trabalhado por Herinaldo Alves (2009), que o falecimento de Lourenço José ocorreu em 1784. Portanto, fala-se de sujeito histórico que tinha mais de 50 anos de atuaao em Minas, sendo, portanto, homem chave para a compreensão de como ocorriam às *reconversoes* de capitais na busca por *distinao* nesse espaço social.

Nesses documentos,  possível observar o Doutor Lourenço José de Queiros Coimbra inicialmente ocupando o cargo de vigário da vara, da matriz e juiz dos resíduos. Posteriormente  possível observar Lourenço José recebendo como procurador dos pagamentos pela venda de uma casa que Francisco Goms Monteiro fez a Conrado Caldeira Brant. Além disso, é possível observar o recebimento e o pagamento de diversos favores que certamente o Reverendo Doutor distribuía pela capitania. Por fim, no último registro que se tem até o momento sobre atuaao de Lourenço José,  possível identific-lo no estabelecimento e no fim de uma sociedade que tem terras e águas minerais com o desembargador Diogo Cotrim de Souza como podemos observara nas passagens a seguir reproduzidas:



Declaro mais que eu vendi, e a dita minha mulher uma roça no distrito da Lapa desta Freguesia a Conrado Caldeira Brant, pela quantia de seiscentos mil réis, cujos pagamentos tem sidos feitos pelo Reverendo Doutor Lourenço Joze de Queiros Coimbra, Vigario desta Matriz, e como ainda se me resta alguma coisa no ajuste das contas estará pelo que der o dito // o dito Reverendo Doutor Louresos Joze por serem muitas as parcelas que por minha ordem tem satisfeito (APM/CMS-190 Fl. 99v-100v Testamento de Francisco Gomês Monteiro 10/07/1763).

Ou ainda nesta passagem:

Declaro que tenho sociedade com o Doutor Lourenço Joze de Queiros Coimbra em Terras Minerais negros, aguas vendidos a João Soares em Paracatu digo a João Borges Tavares em Pracatu de que me tenho adiantado em alguma cobrança, e assim quero se enteire em outra tanta quantia segundo a conta que ele der recebido e fica posta de resto digo a sua parte e lhe toca, e de resto se entregue ao meu testamenteiro ou herdeiros o que legitimamente lhe pertencer. Declaro mais ter sido sócio com o mesmo Doutor Lourenço Joze de Queiros Coimbra em outras terras e aguas Minerais nas vizinhanças de Nossa Senhora do O sobre a qual sociedade em quem tem assistido com todas as despesas quero justiça pela conta que ele der quero se lhe de inteiro credito (APMCMS-190 157v-158v Diogo Cotrim de Souza 1777).

Não cabe aqui fazer uma análise aprofundada das obras e dos feitos do Doutor Lourenço José Queirós Coimbra. No entanto, a partir do sermão de Vieira como apresentado por Herinaldo Alves (2009), é possível tirar algumas informações relevantes para o caso aqui analisado, e que podem servir de orientação para pesquisas futuras, conforme apontado por Herinaldo Alves (2009).

Este padre foi nomeado pelo primeiro bispo de Mariana para tomar posse da diocese em seu nome. Assim com Dom Frei Manoel da Cruz ainda em viagem pelos sertões, foi o padre Lourenço que em 28 de fevereiro de 1748 efetivou oficialmente a fundação do Bispado, criado por motu próprio de Bento XIV em mil setecentos e quarenta e cinco. Padre Lourenço foi o primeiro Vigário Geral como também o encarregado de organizar a posse do primeiro Bispo deste novo bispado (ALVES, 2009, p. 3).

Fabrizio Vinhas Manini Angelo
Escriventes e suas trajetórias de vida:
um estudo sobre a vida dos letrados
em Minas (1710-1770)



Portanto, Doutor Lourenço José foi efetivamente o primeiro bispo de Mariana, pois o bispo Dom Frei Manoel da Cruz ainda estava no Maranhão e não tinha condioes de tomar posse pessoalmente. Na verdade, segundo Herinaldo Alves (2009, p. 3) citando Mons. Flávio Rodrigues Carneiro Rodrigues em uma nota de rodapé informa que o cargo de Lourenço José era de Vigário Geral que era um “substituto do bispo (episcopi umbra – sombra do bispo) no governo de uma diocese. Preside a cria, onde despacha com poderes delegados pelo bispo”.

De acordo com Herinaldo Alves (2009, p. 5), o Frei Manoel da Cruz enviou cartas pedindo indicaoes de religiosos atuantes em Minas que tivessem um perfil compatível ao de Vigário Geral e, para isto, apontou o perfil ideal; “sujeitos de virtudes e Letras para o bem das almas [...] a que todos estes requisitos e merecimentos concorrem na pessoa do reverendo doutor Lourenço José de Queirós, vigário colado da Matriz da Vila Real de Sabará”. Mais à frente, Herinaldo Alves (2009), aponta que

O “tipo” legislador criado por Vieira através da figura de Moisss não diz respeito exclusivamente à criação de leis, mas sim ao governo de um povo, na aplicação das leis e da justiça. Demonstra o orador, que o tipo de governo praticado pelo doutor Lourenço na Diocese como também na sua igreja paroquial, em Sabará, teve como objetivo principal edificar o povo bem mais do que condenar (ALVES, 2009, p. 6).

Ao associar a figura do Bom pastor ao doutor Lourenço José Vieira, citado por meio de Herinaldo Alves (2009), aponta que:

O doutor Lourenço seria ilustre, antes de tudo, por ser virtuoso, de maneira heroica. Para isso, baseia-se, segundo o cônego Vieira, nas virtudes cristãs por ele elencadas em seu sermão: não possuía vaidade, mesmo tendo em sua família títulos honoríficos; era prudente e regeu o povo com bons conselhos, mantendo essa conduta na velhice; era caridoso e possuía equidade; sofrera injúrias sem buscar vingança; possuía zelo nas funoes sagradas. Assim Vieira qualifica o padre Lourenço como pastor afável, manso, pacífico, médico do espírito, amigo que compartilha as aflioes; pastor, pai, protetor dos desvalidos; sofreu com resignação o processo de uma rigorosa e lenta enfermidade.

Vieira, ao elencar essas virtudes, vai associando a elas a vida do doutor Lourenço. Após o período de estudos em Coimbra, renunciou a um cargo oferecido pelo Arcebispo de Braga, deixando-o para seu irmão



mais velho. Vem para o Brasil por volta de 1734, onde Dom Frei Antnio de Guadalupe o nomeia vigrio de Sabar. Quando da posse do primeiro bispo de Mariana, o doutor Lourenço enfrenta embates com o bispo do Rio de Janeiro. Todavia, mesmo sendo acusado de abuso no uso de sua autoridade, teria sofrido estas injrias sem buscar nenhum tipo de vingana. Assemelhar-se-ia, desta forma, ao bom pastor, Jesus Cristo. Conforme narra o texto bblico: “quando injuriado, no retribuia as injrias; atormentado, no ameaava; antes, colocava a sua causa nas mos daquele que julga com justia”.

Ainda segundo o cnego Vieira, o Padre Lourenço no se importava com os ttulos acadêmicos, nem com os da sua famlia, a despeito de ser descendente da nobilssima casa dos “Queiroses”, da famlia dos Queiros de Amarante, por sua vez ligada ao rei Dom Afonso qualifica-o ento como um homem sem vaidades, e por isso aplicado ao “tipo” de virtuoso (ALVES, 2009, p. 6-7).

Em que pese à tentativa de construo da memria de um homem bondoso, um modelo religioso as passagens anteriores indicam uma trajetria de vida que certamente estava relacionada à sua ascendncia nobiliárquica. Esse era um homem de conexes ultramarinas. Sendo assim, percebe que Lourenço Joze de Queiros Coimbra era um homem bastante poderoso e influente em Minas naquele perodo, o que parece sugerir que Bento Pereira de Faria Marinho pode ter se beneficiado pelos contatos que Dom Lourenço tinha e, com isso, pode ter feito muitos testamentos justamente por ser um escrevente muito conhecido e de sua ligao do o Vigrio geral.

O que sabemos do Padre Francisco Ferreira Mendes est registrado em seu testamento escrito em 1743¹⁹. Por isso sabe-se que é sacerdote do hbito de so Pedro e, portanto, padre secular em atuao em Minas. Era natural do Rio de Janeiro e filho legtimo de Bras Almeyda Mendes e de sua mulher Urula de Freitas j defuntos. Nas minas parecia ter parentes por perto, j que nomeia seu sobrinho Jos Cardozo de Almeida, morador em Sabar, como seu primeiro testamenteiro. No entanto, com boa parte da sua famlia estabelecida no Rio de Janeiro, nomeia como testamenteiros seus irmos o Reverendo Padre Salvador Ferreira Mendes e o Senhor Antonio Ferreira Mendes, ambos moradores no Rio de Janeiro. Por ter uma vida dedicada ao sacerdrcio o Padre Francisco Ferreira Mendes informa no deixar herdeiros descendentes e por ser sua vontade acaba nomeando sua sobrinha Maria, filha de sua irmã Urula de Freytas e casada com



José Brim, como sua herdeira. O objetivo com esta doação é garantir que sua sobrinha Maria seja capaz de “tomar o estado que Deus lhe der”. Isto é, como já tratei em trabalhos anteriores²⁰, parece que existe uma estratégia familiar intergeracional, neste caso tio-sobrinha, na intenção de garantir um futuro distinto para as próximas gerações. Neste caso, a escolha pode ter ocorrido por ser mulher e representar, em uma sociedade patriarcal, um ser incapaz e que, portanto, precisa ser tutelada por um homem. No entanto, como a vida pode guardar surpresas, o Padre Francisco cria alternativas para garantir às próximas gerações melhores condições de vida e, na falta de sua sobrinha, seu herdeiro passaria a ser seu outro sobrinho Francisco, irmão de Maria. Além disso, Padre Francisco, sem indicar maiores detalhes, informa que dará a um tal Ignácio Caetano Ferreira Mendes (talvez um parente seu, um filho ilegítimo, um filho de algum amigo que não pode ser revelado ou mesmo um afilhado/agregado), 400 mil réis caso se ordene padre ou entre para alguma religião. Não sendo possível identificar que tipo de relação o Padre teria com Ignácio é bastante paradigmático que seu benefício/doação esteja relacionado à uma tentativa de alongar a formação ou trajetória educativa do garoto. Para isso o testador estabelece uma condicionante, informando que enquanto o garoto não se ordenasse o valor principal deve ficar em mãos seguras. O garoto somente estaria autorizado pegar os rendimentos, de tempos em tempos, caso mostrasse seu andamento na escola pela via da carreira religiosa. Também apontei em trabalhos anteriores²¹, que família que gozavam de algum capital cultural também criavam estratégias para garantir a transmissão deste capital da maneira mais adequada possível às próximas gerações. Neste caso, não é possível informar que seja seu parente, porém é bastante sintomático que o estudo seja acompanhado de um retorno financeiro. De maneira geral, é possível perceber que o Padre tem uma relação muito intensa com seus sobrinhos. Mesmo não estando com Maria, por exemplo, o padre sabe que ela tem oito anos e não é capaz de administrar sua herança e, mesmo sem ter tido tempo com seus herdeiros, testamenteiros e acompanhantes, é possível perceber uma preocupação com a formação e com a mensagem que está passando às futuras gerações.

Após falar das relações que foram estabelecidas no seio familiar do Padre Francisco é importante analisar a seguinte passagem de seu testamento: “Também deixo ao Reverendo Padre João Martins Barrozo Vigário atual de Santo Antonio da Caza Branca falecendo nestas Minas achando-se ele ainda nela os meus Breviários grandes que são de quatro tomos por assim lhe prometi



em lembrana de nossa boa amizade”. Ainda que tenha parentes por perto   de se supor que esse contato não era cotidiano. Por ainda ter escolhido uma carreira que impede o estabelecimento de uma família comum pode-se supor a infla o do espaço que era dedicado aos amigos e como estas práticas de sociabilidade eram estabelecidas. Também   possível especular que a principal fonte de amigos era justamente sua profissão, portanto, nada mais natural que no cotidiano os principais amigos do Padre Francisco fossem religiosos. Tendo em mente que estes homens de letras dedicam muito de seu tempo aos estudos, aos livros,   leitura e   escrita,   paradigmático que o símbolo destas sociabilidades gire em torno da troca de presentes ou empréstimos de livros.

Aliás,   bastante sintomática de alguns dos escritores aqui analisados mantinham uma pequena biblioteca em sua casa. Com as informa es que temos, não fica claro se eram bibliotecas grandes ou apenas uma pequena prateleira. Em muitos casos   possível ter certeza que não se tratava de mais de uma dezena de livros. No entanto, em uma sociedade em que a grande maioria das pessoas era “analfabeta”, ainda que esta não seja a realidade do grupo aqui pesquisado,   bastante simbólico que este grupo, tantas vezes, ostente este símbolo de distin o. Portanto, não   estranho perceber que o livro se torne um ícone do (inter)reconhecimento dos membros deste grupo distinto marcado pela posse de um elevado capital cultural, em rela o a realidade daquele *espaço social*, e que trocam, emprestam e que marcam suas amizades²².

Por fim, neste trabalho apresento a trajetória do licenciado Domingos Maciel Aranha. Inicialmente apresentam-se algumas características de seu núcleo familiar e as rela es que foram estabelecidas em sua casa. Depois apresentadas algumas características da trajetória profissional do licenciado enfatizando seu perfil negociante com múltiplos e posteriormente seu perfil de homem que registrava seus negócios e, por isso, necessitava da escrita e leitura cotidianamente em sua atua o na regi o.

Segundo o traslado de testamento que se encontra em seu inventário o licenciado informa que   natural da cidade de São Paulo filho legítimo de Lourenço Maciel Alvarenga e sua mulher Joana Antunes Tinoco, estes já falecidos. Durante toda a sua vida permaneceu solteiro, mas teve três filhas naturais. Uma chamada Francisca Maria Xavier casada e filha de Francisca da Cunha; outra chamada Maria de Assun o de 35 anos moradora no Serro Frio, casada com Domingos Francisco da Quinta, filha de Francisca Pedrosa e, por fim, Antonia do Sacramento com cinco anos, filha de Josefa Maciel sua escrava.

Em pesquisas anteriores tivemos acesso ao testamento de Francisca



Pedrosa²³, que assina como Francisca “Poderosa”, registrado em Sabará em 1742, sabemos que, assim como Domingos, Francisca era paulista e com ele acabou se estabelecendo em Pitangui, talvez o último grande reduto paulista na capitania mineira. A partir do testamento de Francisca Poderosa, também é possível saber que Domingos teve um longo relacionamento com Francisca que se concretizou em sociedades estabelecidas e confiança no trato dos negócios como veremos a seguir. Domingos além de ser nomeado como primeiro testamenteiro de Francisca, também parece gozar de uma grande confiança por parte de Francisca, pois ela o nomeia como tutor de seu filho natural: “Declaro que deixo por tutor e curador de meu filho Francisco Xavier o licenciado Domingos Maciel Aranha e este enquanto o dito meu filho for menor administrará os carijós estando em seu poder o dito meu filho enquanto se juntam os mais Irmãos de Maior”²⁴.

Ao falar desta maneira não se indica que esta família era exatamente “feliz” e que não tinha problemas. Na verdade, existe indícios do quanto essas relação eram violentas, como indica esta passagem do testamento do Licenciado: “a dita Maria de Assunção depois que a casei com Domingos Francisco da Quinta lhe dei uns murros e uns puxões pelos cabelos logo a cortou e se anunciou tendo em mim um ódio mortal que logo que o dito seu marido me deu um tiro de espingarda que me sangrou muito”. Isto é, parece que no âmago desta família tinham ressentimentos, desconfianças, ódio que se traduziu em violência. Porém, ainda sim Domingos não deixa de reconhecer suas filhas naturais e o direito delas como suas universais herdeiras. O que parece indicar que o projeto intergeracional de sucessão, de reprodução social familiar e de distinção social ultrapassava qualquer desavença mais contingencial. Não gratuitamente o Licenciado Domingo Maciel Aranha declara em seu testamento uma preocupação com suas filhas e netos na seguinte passagem:

Declaro que as certidões que constam dos serviços que fiz a sua Majestade nestas minas delas fiz doação a meus Netos Antônio e Gonçalo Filhos de Francisca Maria para requerem ao dito Senhor algum prêmio e tendo-os favorecerem a filha do defunto Domingos Francisco por nome Maria a segundo ele solteira e se derem caminharem as ditas certidões no Cartório de Sabará sentenciadas se acham (ARQUIVO HISTÓRICO DE PITANGUI, Inventário do Licenciado Domingos Maciel Aranha, 1760).

O que parece indicar também essa passagem é que Domingos buscou subir



nos postos da vila de Pitangui justamente buscando mercês das autoridades o que parece indicar um projeto de distinção social que pode ter implicações intergeracionais, ou seja, era uma distinção que podia ser legada às próximas gerações de sua família. Como indica a passagem anteriormente apresentada.

Este projeto de distinção social está muito presente na própria trajetória profissional de Domingos. Sua trajetória de vida indica um perfil multiprofissional tendo atuado em muitos negócios desde a sua chegada em Minas, provavelmente junto com alguns paulistas ainda em finais do século XVII ou início do XVIII. Há um trecho seu testamento que aponta sua longa atuação na região das Minas e, que nem todos seus negócios foram bem-sucedidos:

[declaro] que no ano de mil setecentos e quatro descobri um córrego seco defronte a capela de São Caetano com pinta de meia pataca e quatro vinténs e mais no Rio das Mortes que o defunto Capitão mor Pedro de Moraes Raposo me apanhou potenciosamente [sic] tendo eu carta de descobridor do Guarda mor o qual córrego e as mais pertencas deu muito ouro sem eu aproveitar coisa alguma e assim os seus filhos e descendentes são obrigados a retribuição por me apanhar o córrego contra a minha vontade pelo que represento ao Capitão mor Manoel da Costa Gouveia e a senhora Dona Custódia Moreira e Godói para descarga da alma do dito Capitão mor sogro e pai a quem apresentar esta verba que será algum dos meus netos ou casado com alguma neta que não serão obrigados a dar conta do que receber e só repartira com minhas herdeiras tirado o seu trabalho (ARQUIVO HISTÓRICO DE PITANGUI, Inventário do Licenciado Domingos Maciel Aranha, 1760).

Domingos em seu espírito arrivista buscou, dentro da medida do possível, crescer na escala social por meio da realização de negócios e trocando favores e mercês com diversas autoridades na região das Minas. Retomando sua relação com Francisca Poderosa e buscando compreender os sentidos de seus negócios é importante compreender o significado do sítio de Domingos Maciel Aranha em seu projeto familiar de distinção social. Não gratuitamente, Domingos teve sociedade com Francisca em um sítio que como veremos será o grande negócio da família e que o Licenciado parece não ter se desfeito dele até o seu falecimento em 1760, inclusive recomendando que suas herdeiras continuassem os negócios em andamento no sítio como suas plantações. O sítio aparece da seguinte maneira no testamento de Francisca Poderosa: “Declaro que a metade do sitio detrás do Morro desta vila me pertence por fabricar junto com



Domingos Maciel Aranha onde tenho uma casa de capim e a outra a metade é do dito Licenciado Domingo Maciel Aranha”. Parece que foi um negócio muito bem administrado, pois o próprio Domingos informa, cerca de 18 anos depois, que o sítio parece ser bastante lucrativo:

Declaro que tenho um sítio de trás do morro desta vila com muito arvoredos de espinhos um bananal e outras curiosidades que parte da parte de baixo nos moinhos que divisa com o sítio de José Rodrigues Santiago e da parte de cima com o sítio do Capitão-mor Manoel Jorge Azere que tem a divisa em uns paus de arco da parte do Sul e da parte do Norte em um córrego que vem do Capão do Licenciado Antônio Ferreira da Silva o qual sítio pelos dízimos foi arrematado mas a conta já entreguei por ordem dos oficiais da Fazenda Real ao Reverendo Caetano Mendes de Proença treze oitavas de ouro ou que constar do recibo que tenho entre os meus papéis e pela experiência que tenho das minas os sítios perto das vilas e freguesias tem dado muito mil cruzados assim as minhas herdeiras não vendam mas antes conservem pagando o que (...) pagando ao dito Reverendo porque só com os frutos do dito sítio se pode pagar com bananas frutas e mamonas (ARQUIVO HISTÓRICO DE PITANGUI, Inventário do Licenciado Domingos Maciel Aranha, 1760).

Como homem de múltiplos negócios Domingos atuava em diversas frentes como denota a passagem a seguir e muitas outras que não citaremos aqui para poupar tempo com citações que tratam da mesma temática: “sou senhor e possuidor de um córrego do Cachambu que tem sua nascente do poente e desemboca no ribeiro do Jaguará (...) e seguindo o vieiro de ouro acharam alguma grandeza que por me morrerem os escravos não segui o dito vieiro”²⁵.

Domingos declara tinha alguns escravos que morreram, mas uma, em específico, não veio a óbito e sim havia fugido, está era Rosa Benguela, porém ela fez algo ruim no juízo do licenciado e por isso informa que: “por me desamparar [Rosa Benguela] em meu sítio levando consigo para quilombos as minhas ferramentas foices enxadas machado e côvados e um tacho e assim minhas herdeiras a façam trabalhar debaixo de ferros por ser uma fujona sem lealdade”²⁶. Isto é, em caso de se comportarem mal haveria uma reação de igual proporção.

No que tange à trajetória profissional do Licenciado Domingos Maciel Aranha mais ligada às letras e que não difere muito dos demais escreventes aqui pesquisados é que em casa ele mantinha uma série de livros relacionados,



normalmente, à sua atuação profissional. No caso deste licenciado, entre os livros constam exemplares das Ordenações filipinas, manuais práticos de direito e sucessão, como aponta a citação de seu inventário a seguir:

Declarou o Inventariante que havia no casal dois tomos de ordenações do Reino encadernadas em pasta de fólio já usados que vistos e avaliados pelos louvados em sete mil e duzentos reis

Item que havia no casal três livros pequenos que foram vistos e avaliados pelos louvados em quatro mil e oito centos reis

Item que havia no casal uma prática judicial de Vanguerve que foi vista e avaliada pelos louvados em seiscentos reis

Item que havia no casal um tomo de fólio intitulado manual prático que foi visto e avaliado pelos louvados em novecentos reis

Item que havia no casal um livro intitulado prática dos órfãos que foi visto e avaliado pelos louvados em trezentos réis (ARQUIVO HISTÓRICO DE PITANGUI, Inventário do Licenciado Domingos Maciel Aranha, 1760).

A posse de livros é algo recorrente entre os membros deste grupo. Ainda que esta quantidade de livro não pode ser chamada propriamente de uma grande biblioteca com variadas temáticas contempladas evidenciando uma cultura vasta destes homens, os livros que mantinham, quase sempre suficiente para ocuparem um baú, uma estante ou apenas em uma prateleira, eram suficientes para indicar uma profissão intimamente relacionada ao domínio das letras e que eram constantemente utilizadas para consultas. Aliás, como já haviam afirmado Marcia Abreu (2001) e Luiz Carlos Villalta (1997), os livros, quando apareciam nos testamentos e inventários, quase sempre estavam intimamente relacionados com a profissão de seu proprietário. Os tipos de livros quase sempre estão relacionados a ofícios que estejam profundamente marcados pela necessidade da leitura e pela escrita.

Neste sentido, o testamento do Licenciado Domingo Maciel Aranha apresenta uma característica atípica para a realidade geral dos testamentos escritos naquele período. Nele é recorrente a citação do livro quarto, títulos de número 80 e seguintes das ordenações do reino²⁷ que tratam justamente dos direitos de sucessão o que parece indicar uma grande familiaridade com o texto legal, tanto pela leitura constante já que as ordenações em seu inventário são caracterizadas como “já usadas” e também por tratar recorrentemente em sua trajetória profissional com este trecho da lei.

Deve-se salientar que o testamento do Licenciado foi escrito por ele

Fabrizio Vinhas Manini Angelo
Escreventes e suas trajetórias de vida:
um estudo sobre a vida dos letrados
em Minas (1710-1770)



mesmo. Aliás, esta parece ser uma especificidade comum dos documentos dos testamentos elaborados por este grupo social, os escreventes, que muitas vezes redigiam suas últimas vontades. Talvez por isso, não gratuitamente, a recorrente citação ou enumeração de livros em seus documentos. Neste sentido, a prática da escrita parece ser algo mais que recorrente entre membros deste grupo, pois indica algo necessário à própria sobrevivência, como informa o trecho a seguir do testamento de Domingo Maciel Aranha: “declaro que deixo um caderno de papel numerado e rubricado por mim em que declaro o que deixo e o que se me deve e alguns trastes e livro que possuo e onde se acha com P. e G. estão pagos e não haja dúvida e se dará inteiro crédito”. Isto é, quase sempre estes homens, por tratarem de tantos negócios, tantas demandas e com tantos detalhes que é necessário manter registros escritos de seus negócios.

Considerações finais

A partir do que foi apresentado neste artigo percebe-se que os escreventes são oriundos de camadas sociais mais populares, por terem uma origem camponesa em Portugal (é o caso de Bento Pereira de Faria Marinho) ou por serem enganados por potentados locais (como é o caso do licenciado Domingos Maciel Aranha), e por isso foram passados para trás em algumas ocasiões. Também é possível perceber uma condição de completa dependência em relação aos poderosos locais, para tem os cargos que almejavam (é o caso de Bento e Domingos), que se viram obrigados a deixar parte de sua herança para os seus padrinhos (especialmente é o caso de Bento), haja vista que seu “padrinho” é nomeado como herdeiro universal de seus bens. Portanto, pode-se perceber ou aventar que em alguns casos alguns os escreventes vinham de camadas subalternas da sociedade que aqui buscavam estratégias de distinção social.

Além disso, é possível perceber que estabeleciam relações de sociabilidade por meio dos livros, emprestando-os e mesmo os vendendo para aqueles que achassem mercedores, como é o caso de Padre Francisco. Em que pese boa parte de seus livros ter uma relação muito estrita com suas atividades “profissionais” era comum os empréstimos inclusive com a possibilidade de venda para aqueles tivessem algum interesse, como podemos observar nas citações dos documentos. Neste grupo, é possível perceber o uso cotidiano de livros, pois quando eles aparecem, existem indicativos de uso constante o que muitas vezes implica na avaliação dos louvados de livros muito surrados. Muitas vezes a necessidade de nomear estes livros inclusive apresentado as

Fabrizio Vinhas Manini Angelo
Escreventes e suas trajetórias de vida:
um estudo sobre a vida dos letrados
em Minas (1710-1770)



condies de edio   o indicativo de um grupo que valoriza os detalhes das publicaes. Os livros para esse grupo parecem ser indicadores de distino e de inter-reconhecimento do grupo e atravs deles   possvel perceber relaes marcadas pelas vivncias afetivas.

Outra prtica comum entre estes escreventes   o auxlio por meio de doaes, normalmente para parentes, mas no necessariamente, de valores que tinham a funo de contribuir para a formao das futuras geraes. Quando possvel esse alongamento da trajetria educativa, algumas vezes era exigido condicionantes para a efetivao do legado, como pode ser observado no caso de Padre Francisco.

Como dito anteriormente, os resultados aqui pesquisados so resultado de uma investigao que ainda pode se desenvolver mais. No entanto, j   possvel perceber algumas tendncias como so apresentadas ao longo do presente artigo.

Fontes

Fontes impressas

CÓDIGO Philippino ou ordenaes e Leis do Reino de Portugal, recompiladas por mandado D'El Rey D. Philippe. Rio de Janeiro: Typographia do Instituto Philom ttico, 1870. Disponvel em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242733>> Acesso em: 04 de abril de 2021

RAPHAEL BLUTEAU, Padre. Vocabulrio portugus e latino. Coimbra: Colgio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1734. Disponvel em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/2/simple-search?filterquery=Bluteau%2C+Rafael%2C+1638-1734&filtername=author&filtertype>equals>> Acesso em: 04 de abril de 2021

Fontes manuscritas

ARQUIVO HISTÓRICO DE PITANGUI. Pitangui, Minas Gerais: Arquivo Histrico, 1760. Inventrio de Domingos Maciel Aranha de 1760.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museu do Ouro. *Arquivo histrico Casa Borba Gato*. Sabará, Minas Gerais, IBRAM/MO/AHCBG. Testamentos (1723, 1733, 1735, 1738, 1742, 1743).

CPO-LI 07(13) fl 90v. fl. 95v Testamento. Francisca Poderosa. Pitangui, 6/08/1742.



CPO-LT 07(13) fl – 117v-124. Testamento. Padre Francisco Ferreira Mendes, 07/09/1743.

CPO-LT 02(06) fl. 86v-91v - Testamento. Bárbara Gomes de Abreu e Lima, 12/07/1735.

CPO -LT 02(06) fl. 80v. - 83. – Testamento. Manoel Madureira Pinto, 25/08/1723.

CPO -LT 02(06) 70v- 76v – Testamento. Raphael Monteiro Heyris, 04/09/1733.

CPO -LT 02(06) f. 91v-97v - Testamento de Gracia Maria da Luz (preta forra), 19/12/1738.

APM - Arquivo Público Mineiro. Câmara Municipal de Sabará-CMS, Minas Gerais. Testamentos (1747, 1757, 1762, 1763, 1767, 1768, 1777).

APM/CMS-190 157v-158v. Testamento. Desembargador Diogo Cotrim de Souza, 1777.

APM/CMS-190 Fl. 99v-100v. Testamento. Francisco Gomês Monteiro, 10/07/1763.

APM/CMS-190, Fls. 182v.-185v. Testamento. Lourenço Pires de Moura, 12/09/1768.

APM/CMS-190 Fls. 92v.-94v. Testamento. Manoel de Moraes Cabral, 08/03/1762.

APM/CMS-190, Fls. 166 e 167v. Testamento. Joanna da Costa Maya (preta forra), 30/04/1767.

APM/CMS-190. Fls. 43v -44v. Testamento. João Borges de Madureira, 19/12/1757.

APM/CMS-190 Fls. 150-151. Testamento. Bento Pereira de Faria Marinho 27/11/1747.

Referências

ABREU, Márcia. Quem lia no Brasil colonial? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande, Mato Grosso. *Anais* [...]. Campo Grande: Intercom, 2001. v. 24.

ALVES, Herinaldo Oliveira. O sermão do inconfidente cônego Luís Viera da Silva: protótipo de sacerdote para a igreja de mariana no século XVIII. *Revista Brasileira de História das Religiões - ANPUH*, Maringá, PR, v. 1, n. 3, p. 1-10, 2009. ISSN 1983-2850.



ANGELO, Fabrício V. M. *Herdeiros: o papel da família na educação das futuras gerações nos termos de sabará e de vila rica (1710 – 1780)*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ANGELO, Fabrício V. M. *Pelo muito amor que lhe tenho: a família, as vivências afetivas e as mestiçagens na Comarca do Rio das Velhas (1716-1780)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ANTUNES, Álvaro Araújo. *Minas de letras: agentes e proposições analíticas acerca da cultura dos escritos em Minas Gerais, 1750-1834*. *Antíteses*, Londrina, v. 13, p. 621-648, 2020.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013b.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007a. (Coleção Estudos).

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996a. cap.13, p. 183-91.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus editora, 1996b.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma*



teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Herdeiros: os estudantes e sua cultura*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

BRUGGER, Silvia Maria Jardim. Família e patriarcalismo em Minas Gerais. In: PAIVA, Eduardo França (org.). *Brasil-Portugal: sociedades, cultural e forma de governar o mundo português (séclo XVI-XVIII)*. São Paulo: Annablume, 2006.

BRUGGER, Silvia Maria Jardim. *Minas patriarcal: família e sociedade (São João Del Rei- século XVIII e XIX)*. São Paulo: Annablume, 2007.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CATANI, Denice B. Pierre Bourdieu e a história (da educação). In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Pensadores sociais e história da educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 320-321.

CERCEAU NETTO, Rangel. *Um em casa de outro*. São Paulo: Annablume: Belo Horizonte: PPGH/UFMG, 2008. (Coleção Olhares).

CHARTIER, Roger (org.). *História da vida privada 3: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história (debate). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 139-182, mar. 2002.

CUNHA, Flávio S. *História & Sociologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DE LA FARE, Mônica; LOPES, Greyce Hoffman; COSTA, Júlia Fernandes da. Os estudos sobre trajetória docente na pesquisa em educação: explorações dos usos da teoria bourdiesiana em teses de doutorado. *Revista GepesVida*, São José, SC, v. 2, n. 3, p. 1-10, 2016.

FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1998.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias: vida familiar em Minas gerais no século XVIII*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

FLANDRIN, Jean Louis. *Famílias parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. Lisboa: Estampa 1995.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. Instrução e assistência na Capitania de Minas



Gerais: das aes das cmaras as escolas para meninos pobres (1750-1814). *Revista Brasileira de Educao*, Rio de Janeiro, RJ, v. 13, p. 535-544, 2008.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formao da famlia brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. So Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadncia do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 15. ed. So Paulo: Global, 2004.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. "Histria" oral e processos de insero na cultura escrita. *Educao em Questao*, Natal, RN, v. 25, p. 206-223, 2006b.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antnio Augusto Gomes. Oralidade e escrita: uma reviso. *Cadernos de Pesquisa*, So Paulo, SP, v. 36, p. 403-432, 2006a.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Apresentao - Dossi: Histria da Cultura Escrita. *Revista Brasileira de Histria da Educao*, [s. l.], v. 16, p. 207-214, 2016.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisio*. So Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetrias de vida nas Cincias Sociais: trabalhando com as diferenas de escalas. *Campos: Revista de Antropologia Social*, Curitiba, PR, v. 12, p. 9-34, 2011.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-histria. In.: BURKE, Peter. *A escrita da historia: novas perspectivas*. So Paulo: UNESP, 1992.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Ler e escrever no mundo rural do Antigo Regime: um contributo para a histria da alfabetizao e da escolarizao em Portugal*. Braga: Universidade do Minho, 1994.

NEVES, Clarissa E. Baeta. Trajetrias escolares, famlias e polticas de incluso social no ensino superior brasileiro. In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (org.). *Familia & escola: novas perspectivas de anlise?* Petrpolis, RJ: Vozes, 2013. v. 1, p. 278-311.

NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo, ZAGO, Nadir. *Familia e escola: trajetrias de escolarizao em camadas mdias e populares*. Petrpolis: Vozes, 2000.

NOGUEIRA, Maria Alice. A construo da excelncia escolar - um estudo de



trajetrias feito com estudantes universitrios provenientes das camadas mdias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (org.). *Família e escola: trajetrias de escolarização em camadas mdias e populares*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 125-154.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (org.). *Pierre Bourdieu: escritos de educaçáo*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. v. 1.

PAIVA, Clotilde A. ARNAUT, Luiz D. H. Fontes para o estudo de Minas Oitocentista: Listas Nominativas. In: V SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG/ CEDEPLAR, 1990.

PAIVA, Eduardo F.; CERCEAU NETTO, R. Uma mamaluca poderosa entre Itú e Pitangui no início do século XVIII. In: CATÃO, Leandro. (Org.). *Pitangui colonial. História & Memória*. 1. ed. Pitangui: Arquivo de Pitangui, 2011, v. 1, p. 133-154.

RODARTE, Mario M. S. *O trabalho do fogo: Perfis de domicílios enquanto unidades de produçáo e reproduçáo na Minas Gerais Oitocentista*. Tese (doutorado de Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – UFMG. Departamento de Demografia, Belo Horizonte, 2008.

SAMARA, Eni de Mesquita. *Família, mulheres e Povoamento: São Paulo no século XVIII*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

SLENES, Robert. *Na senzala uma flor - Esperanças e recordações na formaçáo da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX*. 2. ed. cor. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

SOARES, Magda Becker. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda Becker. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Revista Brasileira de Educaçáo, Rio de Janeiro, v. 51, p. 5-17, 2004.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SWEET, James. *O Recriar da África: cultura, parentesco, e religiáo no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 29-48, 225-271, 273-78, 309.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e Inquisiçáo no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em família de camadas populares



– Algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo, ZAGO, Nadir. *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000. pp.: 45-60.

VILLALTA, L. C. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 1, p. 331-385.

VILLALTA, L. C.. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 1, p. 331-385.

Notas

¹O presente artigo é produto de minha residência pós-doutoral e recebeu financiamento do CNPq mediante bolsa de Pós-doutorado Júnior.

²É professor substituto da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em Mariana (ICHS/DEEDU). É graduado em História pela UFMG (2010) e em Pedagogia pela UEMG (2020). É mestre em História pela UFMG (2013) e doutor em Educação pela UFMG (2017). Concluiu sua residência pós-doutoral junto ao GEPHE/CEIbero (UFMG, 2019). Pesquisa a História da Educação e História da Família no contexto das mestiçagens ibero-americanas modernas, com ênfase no papel da família na educação de suas futuras gerações no Período Moderno. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5265-1233>.

³Para observar vários textos nos quais esta aparece, basta consultar: Bourdieu; Passeron (1975); Bourdieu; Passeron (2014); Bourdieu (1996a); Bourdieu (1996b); Bourdieu (2004); Bourdieu (2006, p. 183-191); Bourdieu (2007a); Bourdieu (2007b); Bourdieu (2013a); Bourdieu (2013b); Nogueira e Catani (Orgs)(2012, p. 135-155). Além do livro: Nogueira, Romanelli, Zago (Orgs.) (2000).

⁴Nogueira; Catani (Orgs.) (2012); Cunha (2007); Nogueira; Romanelli; Zago (2000).

⁵Pode-se argumentar que existem outros sistemas teóricos possíveis ou mesmo melhores, pois nasceram daquela realidade como o caso da proposta teórica do Antigo Regime nos Trópicos baseados na Teoria da Dádiva como desenvolvida por Marcel Mauss? Porém, pode-se pensar que esta também foi criada para compreender outros tempos/ espaços que muito pouco tem a ver com a Europa medieval ou moderna. Além disso, o que dizer de outras historicidades presentes no Brasil do período? Quais conceitos não seriam anacrônicos? Qualquer modelo teórico também, estabelecido de antemão, é, em certo sentido um pouco anacrônico, pois, em geral apreende-se um passado é a partir da diferença, mas também da semelhança. A pesquisa histórica, acredito, deve estar disposta a ousar novas abordagens teórico-metodológicas para ver avançar o conhecimento sobre um determinado período.

⁶Quando pensamos a abordagem de Pierre Bourdieu, estamos pensando nestes trabalhos: Bourdieu; Passeron (1975); Bourdieu; Passeron (2014); Bourdieu (1996a); Bourdieu (1996b); Bourdieu (2004); Bourdieu (2006, p. 183-191); Bourdieu (2007a); Bourdieu (2007b); Bourdieu (2013a); Bourdieu (2013b); Nogueira e Catani (Orgs)(2012, p. 135-155).



⁷Dentre as vrias possibilidades para se conceituar as famlias para este perodo vale consultar os seguintes trabalhos: Ariès (1986); Figueiredo (1997); Freyre (2006); Freyre (2004); Rodarte (2008); Angelo (2013); Angelo (2017); Brugger (2006); Brugger (2007); Cerceau Netto (2008); Chartier (Org.) (2009); Faria (1998); Flandrin (1995); Paiva; Arnaut (1990); Samara (2003); Slenes (2011); Sweet (2007); Vainfas (1997).

⁸Para compreender em maiores detalhes como o autor debate esses conceitos de Espao Social e Distino Consultar os seguintes trabalhos Bourdieu (2007b) (especialmente o capitulo IV – espao social e gnese de Classe) e Bourdieu (2013b) (as sees 2 – O espao social e suas transformaes e 5 – O sento de distino).

⁹Ver, por exemplo: Angelo (2013) e Angelo (2017).

¹⁰Entre os diversos trabalhos que apontam esta importncia pode-se destaca: Bourdieu (2006, p. 183-191); De La Fare; Lopes; Costa (2016); Guérios (2011, p. 9-34); Neves (2013, p. 278-311); Nogueira (2000, p. 125-154); Ginzburg (2006); Levi (1992).

¹¹Angelo (2013) e Angelo (2017).

¹²É importante ressaltar que alfabetizao aqui é usada como uma metfora para compreender o fenmeno de aprender a ler e escrever naquele perodo. Porém, hoje em dia alfabetizao é um termo que denota uma complexidade mais ampla que no estava abarcada pelo processo similar daquele perodo. O debate sobre alfabetizao, letramento para os dias de hoje e para aquele perodo pode ser encontrados em Galvao (2016, 2006a, 2006b), Antunes (2020), Magalhães (1994) e Soares (1998, 2004 e 2017).

¹³APMCMS-190 150-151- Bento Pereira de Faria Marinho 27/11/1747.

¹⁴Conferir o “dicionrio” poduzido por Raphael Bluteau (1712-1734).

¹⁵Id. Ibidem.

¹⁶Id. Ibidem.

¹⁷Id. Ibidem.

¹⁸Só até o que foi pesquisado no momento é possvel encontrar referncia ao Doutor Lourenço Jos de Queiros Coimbra nos seguintes testamentos IBRAM/MO-CBG/ CPO-LT (02)06, fl. 86v-91v Testamento de Bárbara Gomes de Abreu e Lima – Sabará, 12/jul./1735; IBRAM/MO-CBG – LT (CPO) 02(6)fl. 80v. - 83. - Testamento de Manoel Madureira Pinto –25/Ago./1723; IBRAM/MO-CBG- LT (CPO) (02) 06, f. 70v- 76v - Testamento de Raphael Monteiro Heyris – 04/09/1733; IBRAM/MO-CBG/CPO-LT (02) 06, f. 91v-97v Testamento de Gracia Maria da Luz pretta forra - 19/12/1738; APMCMS-190 157v-158v. Testamento do Desembargador Diogo Cotrim de Souza 1777; APM/CMS-190 Fl. 99v-100v. Testamento de Francisco Gomês Monteiro 10/07/1763; CMS-190, Fls. 182v.-185v. Lourenço Pires de Moura 12/09/1768; APMCMS-190 Fls. 92v.-94v. Manoel de Moraes Cabral 08/03/1762; APMCMS-190, Fls. 166 e 167v. Joanna da Costa Maya (preta forra) 30/04/1767; APM/CMS-190. Fls. 43v -44v. Testamento de João Borges de Madureira 19/12/1757; APMCMS-190 150-151 Bento Pereira de Faria Marinho 27/11/1747.

¹⁹IBRAM/MO/AHCBG/CPO-LT-07(13)- Fl – 117v-124. Testamento do Padre Francisco Ferreira Mendes-07/09/1743.

²⁰Angelo, 2013 e Angelo, 2017.



²¹Id. Ibidem.

²²Para mais informações sobre essa questão dos livros mediando relações sociais consultar: Villalta (1997), Abreu (2001) e Antunes (2020).

²³Para esta análise o trabalho de Paiva e Cerceau Netto (2011) foi de importância fundamental.

²⁴IBRAM/MO/AHCBG/CPO-LI (07) 13, fl 90v. fl. 95v Testamento de Francisca Poderosa, Pitangui, 6/ago./1742.

²⁵ARQUIVO HISTÓRICO DE PITANGUI, Inventário do Licenciado Domingos Maciel Aranha, 1760.

²⁶Id Ibidem.

²⁷Cf.: CÓDIGO Philippino (1870).

Fabício Vinhas Manini Angelo
Escriventes e suas trajetórias de vida:
um estudo sobre a vida dos letrados
em Minas (1710-1770)